

LETRAMENTOS,  
EMPODERAMENTO  
E APRENDIZAGENS



AUREA DA SILVA PEREIRA

LETRAMENTOS,  
EMPODERAMENTO  
E APRENDIZAGENS

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Pereira, Aurea da Silva

Letramentos, empoderamento e aprendizagens / Aurea da  
Silva Pereira. – Campinas : Mercado de Letras, 2018.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-492-2

1. Aprendizagem – Metodologia 2. Educação – Finalidades  
e objetivos 3. Educação continuada – Brasil 4. Educação  
de Jovens e Adultos 4. Mulheres – Narrativas pessoais 5.  
Prática de ensino 6. Professores – Formação profissionais  
I. Título.

18-19418

CDD-374

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Formação continuada de professores 374

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide

*foto de capa:* Aurea da Silva Pereira

*preparação dos originais:* Mercado de Letras

*revisão final* da autora

*biblioteca:* Iolanda Rodrigues Bode – CRB-8/10014

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2018**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*À comunidade negra rural de Saquinho  
no município de Inhambupe (BA);*

*Às mulheres estudantes do TOPA, pela disposição  
de trilhar comigo no percurso da pesquisa e  
pela confiança, respeito, ensinamentos estabelecidos.*

*E a todos os moradores que contribuíram direta e/ou  
indiretamente para a construção desta pesquisa.*

*Enfim, a todos os que se propuseram a  
colaborar com este ‘namoro’ intitulado de pesquisa.*



*Eu quase nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre — o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!*

Guimarães Rosa





## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
<i>Kátia M. S. Mota</i>	
APRESENTAÇÃO.....	15
<i>Angela B. Kleiman</i>	
INTRODUÇÃO.....	21
AS MEMÓRIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS – O LUGAR DAS MULHERES DO TOPA NA COMUNIDADE DE SAQUINHO.....	25
LETRAMENTO DO COTIDIANO DAS IDOSAS: APROPRIAÇÃO E TÁTICAS.....	85
ESPAÇOS DO TOPA, APRENDIZAGENS (IM)POSSÍVEIS.....	135
CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS.....	191
REFERÊNCIAS.....	195



## PREFÁCIO

Mais uma vez assumo, com imensa alegria, a escrita do prefácio de um livro de autoria de Áurea da Silva Pereira, pois, como sua orientadora de mestrado e de doutorado, venho acompanhando sua produção acadêmica, oficialmente, por seis anos. Em 2013 prefaciei o livro da autora intitulado “Narrativas de vida de idosos. Memórias, tradição oral e letramento”<sup>1</sup> o qual apresentava sua pesquisa do período do mestrado em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Na época, Aurea trabalhou com as narrativas de vida de quatro idosos da comunidade quilombola de Saquinho, no interior da Bahia. Nos relatos apresentados no livro, acompanhamos os quatro protagonistas da pesquisa: D. Catarina, narrando suas experiências de vida no ofício de parteira; D. Vitória, nos apresentando seus saberes e crenças na sua liderança sagrada como rezadeira; Sr. Zé de Rufino, contando as histórias locais associadas às questões da terra; e Sr. Zé de Dudu, rememorando episódios que envolviam os antepassados escravos daquela região.

Desta vez, como produto da sua pesquisa de doutorado realizada pelo Programa de Pós-Graduação da UNEB, Aurea

---

1. Pereira, Áurea da Silva (2013). *Narrativas de vida de idosos. Memórias, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB.

manteve seu interesse investigativo na escuta sensível de sujeitos historicamente silenciados aos quais lhes foi negada a oportunidade de uma educação escolarizada, entre outros capitais culturais. Com muita satisfação e gratificada, como orientadora, vejo a tese intitulada “Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho” assumir agora o formato de livro.

Temos em mãos as narrativas autobiográficas de cinco mulheres idosas residentes na mesma comunidade quilombola de Saquinho: D. Felicidade, 73 anos; D. Lili, 75 anos; D. Celestina, 68 anos; D. Vitória, 73 anos e D. Mariinha, 58 anos. Todas elas expressam um forte desejo de aprender a ler e escrever nos bancos escolares; com esse propósito em mente, retornam à escola através do Programa educacional Todos pela Alfabetização (TOPA). Esse grupo de mulheres idosas, todas afrodescendentes e residentes na comunidade há muito tempo, manifestam profundamente suas raízes à terra, aos saberes locais, à vida cotidiana que se passa nas atividades culturais transmitidas pelos seus antepassados.

Utilizando-se de procedimentos teórico-metodológicos que se sustentam no entrelaçamento da pesquisa etnográfica com a pesquisa (auto)biográfica, Aurea descreve Saquinho a partir das narrativas dessas mulheres, das suas memórias dos tempos vividos na localidade, dos caminhos ali percorridos e das suas trajetórias de vida encenadas no campo e na vila. A casa, moradia de cada uma, é concebida como um lugar quase sagrado; até chegar a cada uma das casas, Aurea nos conduz às estradas, ruas e trilhas de Saquinho. As narrativas das cinco mulheres registram a casa como lugar de pertencimento, de identificação com elas próprias, de aconchego e segurança, de fortalecimento da natureza feminina. Emocionadas, elas nos contam as histórias de suas casas, os sentimentos de afetividade aos fatos que ali aconteceram, ao mesmo tempo em que reconhecem o papel social que assumem como mulheres idosas

que exercem liderança, símbolo de autoridade e exemplo de perseverança na luta cotidiana.

São mulheres que circulam da casa para a roça ou para a igreja e que ampliam esse universo quando passam a frequentar a escola. São cinco mulheres fortes, batalhadoras, que reconhecem suas lutas e vitórias. Destacam-se as narrativas de memórias que demarcam o legado de sabedoria e tradição que vem dos seus antepassados afrodescendentes. Seus percursos de aprendizagem são poeticamente narrados, momentos de emoção quando rememoram suas trajetórias de vida, como aprenderam suas habilidades, como se tornaram donas de si.

Após a descrição dos encontros com esse grupo de mulheres e de conhecer suas histórias, realizações e desejos, Aurea nos leva aos espaços da escola, às experiências vivenciadas no TOPA. Dando ênfase especial às narrativas poderosas que falam do valor que concebem ao domínio da língua escrita, temos uma leitura sobre os letramentos que naturalmente acontecem no cotidiano da vida dessas mulheres, suas estratégias e táticas ao lidar com os diversos eventos de letramento que se apresentam no decorrer das suas vidas. Nas suas narrativas, percebemos que identificam facilmente seus ganhos sociais com as aprendizagens efetuadas na escola, mas em contraponto revelam fortes sentimentos de frustração por não conseguirem realizar o desejo de ler e escrever com competência e autonomia.

Considero este livro uma contribuição relevante para diversos campos de interesse: estudos culturais e feministas, de letramento e oralidade, de gerontologia social, de narrativas (auto)biográficas, entre outras possibilidades. Convido o leitor/a a passear pelas suas páginas, parando nos seus interesses específicos, mas permitindo-se apreciar, sem pressa, as narrativas poéticas desse grupo de mulheres idosas que celebram a vida com intensidade e alegria.

*Profa. Dra. Kátia M. S. Mota*



## APRESENTAÇÃO

É muito gratificante fazer a apresentação de um livro com a total convicção da sua relevância e de seu interesse social. Além de nos informar e educar, por sua rigorosidade científica, o estudo ora apresentado também nos toca profundamente, pelo cuidado e respeito com que são retratadas a força, a perseverança e o caráter das mulheres cujas vozes povoam as páginas da obra.

Fruto do trabalho de doutorado de Áurea da Silva Pereira, na comunidade rural de Saquinho, localizada em um dos mais antigos municípios do estado de Bahia, esta obra apresenta narrativas autobiográficas de cinco mulheres idosas, que contam suas trajetórias de vida, com foco nas suas experiências educacionais na comunidade, na família e na escola. Todas elas participam de aulas de alfabetização básica no programa TOPA, do governo baiano e, de tal fato, decorre uma importante contribuição deste livro ao campo da Educação de Jovens e Adultos, um dos segmentos mais negligenciados na educação do povo, tanto pelas políticas governamentais, como pela pesquisa.

As mulheres de Saquinho se constituem historicamente num contexto rural cujas práticas socioculturais, inclusive aquelas vinculadas aos letramentos, ficarão conhecidas do leitor graças a excelente etnografia realizada por Áurea. Elas se constituem

como trabalhadoras da lavoura, como trabalhadoras do lar, como mães educadoras e, como este estudo mostra, lutam por se constituírem também como estudantes bem-sucedidas; em outras palavras, como mulheres alfabetizadas.

Como todo trabalho qualitativo de ordem interdisciplinar e transdisciplinar, o estudo traz contribuições para múltiplas áreas: ensino e aprendizagem, políticas públicas, alfabetização e letramento. Pesquisadores com interesses diversificados poderão encontrar aqui subsídios relevantes para suas pesquisas.

Uma das contribuições marcadas pelo ineditismo, muito pertinente para um país cuja população de idosos não para de crescer, com poucas ofertas educacionais pensadas para esse segmento, é constituída pelas evidências sobre os modos de aprendizagem na velhice. Praticamente sem obras existentes para consulta e comparação (uma vez que as pesquisas sobre o idoso, de um ponto de vista social, não médico, são raras), este livro monta um retrato de mulheres idosas que não estão engajadas em movimentos políticos, mas que se constituem em agentes engajadas na sua aprendizagem pelo prazer e pelo desafio que o ato de aprender lhes provoca.

As representações que a sociedade tem dos velhos, particularmente da mulher idosa, alimentadas pela mídia e pela imprensa, são superficiais, quase sempre voltadas para a camuflagem do processo de envelhecimento, para a vitimização do idoso ou, no outro lado do pêndulo, para a construção da imagem do idoso todo-poderoso, sem as limitações que a idade impõe. Por isso, contribuem para a reprodução de representações que não levam em conta nem as fragilidades e muito menos as potencialidades da mulher idosa, sua produtividade, os novos e diversificados rumos que suas vidas podem assumir quando os filhos estão criados e então podem se voltar para si mesmas; agir para seu próprio desenvolvimento, para concretizar planos de vida por muito tempo preterido, para satisfazer seus desejos.



Essa diversidade de metas fica muito clara nas narrativas das cinco mulheres, cujos discursos, se não giram em torno da aprendizagem da idosa, mostram, apesar disso, que a mulher analfabeta velha, longe de ser um fardo, é produtiva e útil para a sociedade, apesar de enfrentar diuturnamente o desrespeito, o desprezo, a desconfiança e a suspeição em instituições letradas, como bancos, repartições públicas, cartórios, postos de saúde.

Até mesmo pesquisadores sociais algumas vezes não conseguem ver além da óbvia diminuição dos poderes físicos do idoso. Nesse sentido, Margaret Cruishank<sup>2</sup> trata de mitos e medos culturais associados à velhice, das políticas de envelhecimento, das visões feministas da gerontologia. A pesquisadora constata que uma das características que marca a vida da mulher idosa americana decorre do fato de elas não receberem aposentadorias, porque não trabalharam fora de casa e não sabem como ganhar o pão. Se comparadas às constatações de Cruishank em relação às idosas norte-americanas, as mulheres brasileiras aqui retratadas, mulheres pobres, analfabetas, moradoras de lugares afastados, sem acesso às novas tecnologias, constituem um contraexemplo admirável: ao observar e compartilhar o cotidiano dessas mulheres no seu estudo etnográfico, Áurea, com seu excedente de visão,<sup>3</sup> viabiliza para o leitor o conhecimento e a escuta dessas vozes que emergem como vozes empoderadas, porque são capazes de reconhecer como o poder opera e como as vozes opressoras as modelam e as invadem,<sup>4</sup> permeando suas vidas e relações sociais.

O livro é de grande valor não apenas para pesquisadores, mas também para professores e gestores da EJA. O retrato etnográfico e discursivo emergente é pertinente para conhecer

- 
2. Cruishank, M. (2003). *Learning to be old: gender, culture and aging*. Nova York: Rowman and Littlefield.
  3. Bakhtin, M. (1988). *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Hucitec.
  4. McLaren, P. (2001). *A pedagogia da utopia*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

as práticas de letramento de grupos que estão às margens dos grandes complexos urbanos e para melhor entender o rotundo fracasso da escola na inserção dos adultos desses grupos na cultura letrada.

A escrita, no discurso dessas e de outras mulheres pobres, tem sido, ao longo de muitos anos de pesquisas na área, o grande objeto de desejo nas suas vidas. Por décadas, as idosas do estudo utilizaram diversas e criativas táticas para apropriar-se de práticas de uso a escrita, mesmo sem serem alfabetizadas. D. Vitória desenvolveu mais sua oralidade letrada: tanto para lidar com a burocracia do INSS e do banco, quanto para enfrentar situações nas quais ela era constantemente ofendida, ou infantilizada e diminuída, como quando o funcionário da agência bancária, numa ocasião em que aguardava o pagamento de dinheiro pela instituição, lhe informou que “a senhora não pode levar, a senhora precisa vir com alguém, pode ser seu marido ou seu filho. A escrita, para mulheres com esse grau de conscientização sobre as relações de poder por ela instituídas, é o instrumento que lhes falta para seu empoderamento na sociedade letrada. D. Felicidade está, de fato, transformando o gênero carta pessoal, um gênero da intimidade, em um gênero informativo, tal como um relatório, quando conta que, dada sua condição de analfabeta “Eu tinha que pedir aos outros para escrever. E não podia botar nenhum segredo nas cartas”. D. Felicidade, à sua maneira, desenvolve práticas híbridas para lidar com a escrita: sobreutiliza a memória, como nas comunidades tradicionais orais: não tem mais em seu poder as cartas de seus filhos, mas estas estão guardadas na sua memória, “assim com essas palavras eu gravo a carta. Entretanto, ao mesmo tempo, valoriza o aprendizado de novas funções para a escrita em diversas instituições e reflete sobre elas: “na escola, eu comecei a perceber que é importante fazer os registros”.

É um mundo novo que vamos compreendendo e conhecendo aos poucos, graças à “descrição densa”<sup>5</sup> do grupo pela autora, e a sua aguda sensibilidade etnográfica. Mas uma questão gritante nesse mundo novo é o insucesso dessas mulheres na alfabetização: apesar de suas motivações, do intenso desejo de assinar e escrever o nome, apesar dos limitados (mas realistas?) objetivos do programa, o livro nos mostra também a frustração das alunas face aos pífios resultados da aprendizagem.

Há estudos sobre a aprendizagem na velhice que mostram que, à medida que o sujeito envelhece, sua mente vai sendo cada vez mais capaz de reconhecer a ideia central, o quadro, ou estrutura, ou padrão global, o que ajuda, por exemplo, a encontrar uma solução para um problema, ou a perceber a relevância de algo. Mezirow<sup>6</sup> desenvolveu estudos com mulheres que voltavam para a escola – um movimento corajoso que envolve refletir criticamente sobre os próprios pressupostos e pré-conceitos adquiridos ao longo da vida (significativos são os comentários dos homens nas vidas dessas mulheres: “estou muito velho para aprender coisa nova”, já sei tudo o que preciso para viver”) e cunhou o termo *aprendizagem transformativa* para descrever o processo pelo qual o adulto ou idoso transforma seus marcos de referência e conscientemente faz e implementa planos que redefinem seu mundo. Essa forma crítica de pensamento, essencial na aprendizagem adulta, que aconteceria quando ocorre o que Mezirow chama de dilema desorientador, em grande momento de transição na vida (aposentadoria, viuvez, mudança na família), são apontados nas narrativas como desencadeadores de mudanças<sup>7</sup> nas suas vidas, como o fato de voltar à escola para aprender a ler e escrever.

- 
5. Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. [Edição original em inglês 1973.]
  6. Mezirow, J. (1997). “Transformative Learning: Theory to Practice.” *New Directions for Adult and Continuing Education*, 74, pp. 5–12.
  7. Mudanças que podem envolver uma dimensão psicológica (mudanças no

Nas descrições de sala de aula, fica evidenciado que a professora passou por algum tipo de treinamento baseado em um modelo escolar de letramento, que não valorizava a afetividade, nem a experiência e conhecimentos já construídos pelo aluno, nem a situação específica de comunicação (quer dizer, um modelo de letramento autônomo de considerações sociais, históricas, culturais). Mas, também fica evidente que, mesmo assim, a aula era um lugar prazeroso para essas senhoras, pois, em seus relatos, a aula no programa TOPA se configura como um espaço de alegria, de amizade, de socialização. Ecoando as palavras de D. Celestina: “na escola a gente se distrai, se desenvolve, e não fica em casa pensando besteira. Lá na escola a gente se sente mais nova”. Sentir-se bem tratada é um primeiro, e necessário, passo para aprender qualquer coisa, ainda mais algo tão importante que pode determinar o futuro letrado, ou às margens dos grupos letrados, de futuros filhos e netos. Mas não é, nem de longe, suficiente para atingir o objetivo de ter pelo menos uma pessoa alfabetizada no convívio do lar.

Uma escola rejuvenescedora. Um lugar em que as idosas concretizam seus desejos de aprendizagem. Uma escola empoderadora. Qual seria o perfil de uma possível política educacional para mulheres como as participantes desta pesquisa? Eis a instigante questão que emerge ao longo da obra, e para cuja resposta este livro traz uma contribuição.

*Angela B. Kleiman*

---

entendimento de si próprio), uma dimensão comportamental (mudanças no estilo de vida) e mudanças nos sistemas de crenças.

## INTRODUÇÃO

A obra apresentada se insere em quatro áreas de estudo: Linguagem, Educação, Letramento, Memória (auto)biográfica. As protagonistas desta obra são cinco mulheres idosas, residentes na zona rural de Saquinho (BA), que retornam aos bancos da sala de aula como estudantes do Programa Todos pela Alfabetização – TOPA.\* Essas mulheres experienciam no seu cotidiano os saberes do letramento construídos em suas trajetórias de vida e vão à escola para aprender a ler e escrever.

Saqinho, a pequena comunidade rural, localizada no município de Inhambupe (BA), *locus* deste estudo. As cenas da pesquisa acontecem na comunidade, na sala de aula da Associação de Moradores de Saquinho, nas residências das idosas e da professora alfabetizadora, além de em vários outros espaços sociais por onde circulam as mulheres protagonistas desta pesquisa.

Estabeleço como objetivo da obra evidenciar nas trajetórias de vida das idosas de Saquinho, participantes do TOPA, seus percursos formativos e as práticas sociais de

---

\* TOPA – Programa de Alfabetização do atual Governo da Bahia, governo do petista Jaques Wagner. A sigla é traduzida por Todos Pela Alfabetização. O Programa foi lançado na última semana de setembro de 2007.

letramento vivenciadas no contexto sociocultural da comunidade em diálogo com as práticas pedagógicas do letramento escolar.

Em referência à definição dos procedimentos teórico-metodológicos da investigação, o campo de pesquisa se configurou em duas perspectivas investigativas: na primeira, focamos na descrição da comunidade de Saquinho com ênfase na formação histórica, social e cultural, além das agências e práticas sociais de letramento; na segunda, nos centramos nas narrativas autobiográficas do grupo de idosas, revelando trajetórias escolares e inserção nos eventos e práticas de letramento. Na primeira perspectiva ficou evidente a opção pela abordagem etnográfica crítica e na segunda, em consonância com o método etnográfico, optamos pelo método da pesquisa (auto)biográfica por considerar ser o mais apropriado para (des/re)velar as subjetivações das narrativas produzidas.

A obra tem como base os seguintes eixos temáticos: (1) Memórias autobiográficas das mulheres; (2) A construção social, cultural e histórica no devir de si e aprendizagens, identidades no cotidiano em Saquinho; (3) As experiências, saberes e letramentos das mulheres idosas no cotidiano; (4) A atuação das mulheres nos espaços de aulas do TOPA e a interação com os eventos e as práticas de letramento. Está organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo intitulado *As memórias (auto)biográficas – o lugar das mulheres do TOPA na comunidade de Saquinho* discorre sobre o lugar onde as idosas construíram suas vidas e se constituíram como mulheres, suas casas como espaços privados com fortes significados de pertencimento, indicadores de identidades culturais, além das aprendizagens experienciadas no cotidiano rural. Neste capítulo incluímos os aspectos históricos do município de Inhambupe, com a descrição geográfica e social da comunidade rural de Saquinho. O segundo capítulo, *Letramento do cotidiano das idosas: apropriação e táticas*, revela os

desejos de aprender a ler e escrever das mulheres, os quais as mobilizam para o retorno aos bancos escolares. Além disso, são evidenciadas as táticas e os *habitus* sociais de letramentos que as idosas usam em suas práticas sociais e culturais. E o terceiro capítulo denominado *Espaços do TOPA, aprendizagem (in)possíveis* discute os princípios da Educação como direito de todos; o Programa TOPA no âmbito da EJA; os processos interativos vivenciados pelas mulheres e alfabetizadoras nos espaços do TOPA; as imagens que as mulheres têm de si na sala de aula; e a avaliação das aprendizagens construídas nesses espaços. E, por último, as *Considerações (in)conclusivas* apresentam questões pertinentes observadas na trajetória da pesquisa.